

4

A discussão contemporânea sobre a indeterminação de fronteiras morfológicas internas

Os teóricos a serem apresentados não se limitam em suas discussões a definir composição e derivação – para eles a ligação entre os processos é evidente –, mas vão diretamente às divergências e convergências existentes entre os processos. A busca de novos conceitos e novos elementos está evidente nesses estudiosos, que se aprofundam em um tema que poucos investigaram.

Warren (1988), Bauer (2005), Amiot (2005) e Booij (2005) apresentam em seus artigos uma visão mais aprofundada sobre as peculiaridades das formações de palavras.

4.1

Acesso comum entre derivação e composição na estrutura interna da formação

Podemos considerar entre os principais tópicos abordados por Booij (2005) sua investigação da construção morfológica para entender a composição e a derivação.

Para ele, afixos derivacionais são partes de estruturas morfológicas, tais quais os constituintes da composição. Por meio de análises de tais itens em palavras holandesas, ele chega à conclusão de que composição e derivação afixal não são diferentes na acessibilidade das regras da gramática.

Se regras para a distribuição de tais elementos de conexão necessitam de acesso à estrutura interna dos compostos, do mesmo modo elas necessitam de acesso à estrutura interna de palavras derivadas. (traduzido, 2005:118)

Em seus exemplos para afirmar que ambos os processos usam a mesma “entrada” para formações, temos (Booij, 2005: 112):

Prefix/word	base word	prefixed verb
Mis ‘wrong’	vorm ‘to form’	mis-vorm ‘to deform’ (deformar)
Door ‘through’	snijd ‘to cut’	door-snijdt ‘to cut through’(passar

Achter ‘after’	haal ‘to fetch’	achter-haal ‘to find out’ (descobrir) através)
Aan ‘at’	bid ‘to pray’	aan-bid ‘to worship’ (venerar)
Voor ‘before’	kom ‘to come’	voor-kom ‘to prevent’ (prevenir)

Podemos observar nos exemplos que os processos sofridos pelas formações realmente são análogos. Tanto há prefixos como palavras na primeira coluna que, ao se ligar a palavra base, constitui um outro significado. Ou seja, há um tipo de acessibilidade em comum para a produção dos vocábulos.

O autor ainda afirma que, mesmo quando cada constituinte de uma palavra complexa/plena corresponde a um lexema, isso não é suficiente para classificá-la como um composto. Isto o leva à discussão sobre os afixóides ou semi-afixos, _____ itens que, segundo ele, devem ser introduzidos para denotar morfemas - parecem partes de compostos e que podem ocorrer como lexemas, mas têm um significado mais restrito e específico quando usados como parte de um composto. Como exemplo Boij cita -wright (playwright, shipwright), -way (someway), -ware (hardware, software). Um caso semelhante em português seria a formação de advérbios em -mente.

Os afixóides são um típico caso de gramaticalização, contendo palavras que se tornaram morfemas gramaticalizados. No caso dos afixóides a mudança semântica já tomou seu lugar, mas não há mudança formal ainda: eles são como compostos; não há um enfraquecimento fonológico envolvido. O exemplo em alemão é -schaft (-ship, em inglês).

Booij (2005) mostra ainda um caso que comprova a acessibilidade na estrutura interna de palavras derivadas, que é o truncamento¹, que não pode ser considerado como uma operação fonológica como alguns sugerem (Anderson, 1992 apud Booij), pois as partes que são apagadas ou substituídas não são somente partes de um segmento, mas unidades morfológicas. Desse modo, há um acesso na estrutura morfológica interna de palavras derivadas. Em português, têm-se *moto* de *motocicleta*, *auto* de *automóvel*, *eletro* (*eletroencefalograma* ou *eletrocadiograma*, ou mesmo *eletrodoméstico*).

A discussão dele retoma o que Bauer (2005) argumenta em seu trabalho, só

¹ De acordo com Dubois et al (2004:603) “truncamento é um processo de abreviação corrente na língua falada, que consiste em suprimir as sílabas finais de uma palavra polissilábica; as sílabas suprimidas podem corresponder a um morfema..”

que de modo distinto.

4.2

Formas derivacionais movendo-se para composicionais e vice-versa

Bauer (2005) também concorda que a construção entre derivação e composição é semelhante, já que itens que fazem parte de compostos podem vir a ser formas afixais e formas que uma vez foram afixos podem tomar uma nova vida como uma palavra; e questiona ainda se há duas categorias claras ou se temos protótipos de cada dimensão.

Surge dentre esses casos o que Dubois (apud Bauer, 2005) chama de pseudo-afixos, que é a versão independente de uma palavra que desapareceu ou havia se tornado fonética e semanticamente irreconhecível para os falantes que não tinham um arcabouço histórico.

O autor comenta que dentre os exemplos de itens que sofrem modificação quanto ao comportamento pertencente a sua formação de origem estão alguns prefixos, que se tornam independentes pelo processo de *clipping*² ou abreviação (“hiper<hiperative; mini<mini-car; photo<photograph”); outros são usados sozinhos: mega, super. (2005:101). Bauer (idem: ibidem) observa que algumas palavras formadas por esse novo elemento autônomo são percebidas como uma composição. Em mega-ton, por exemplo, a interpretação é de algo grande e não propriamente um milhão de tons, ou seja, a significação não fica presa à literalidade, isto é, há a linguagem de interpretação externa.

A autora cita ainda os chamados compostos neoclássicos, que seriam os compostos de base presa, como *psicologia*, *filosofia*, *sociolinguística*, em que não está bem clara a distinção entre um composto ou uma subclasse de construções prefixais, já que *logia* (logy), por exemplo, não constitui um lexema, para ser um composto em inglês, de acordo com a autora.

Contudo, *filo-* e *-sofia* possuem características fonológicas e semânticas de palavras e em parte essa é a razão pela qual esses termos são chamados de

² *Clipping ou clipped word na definição do Dictionary of linguistic seria “a word that has lost its initial or final part or both (e.g. cab for cabriolet, flu for influenza, etc)”. Ou seja, clippings são abreviações.*

compostos neo-clássicos. Essas formações, todavia, não são exocêntricas³, o que seria uma característica da composição, o que leva mais ainda a dúvidas sobre sua classificação.

Em sua conclusão afirma que:

O problema não é a distinção entre derivação e composição – enquanto definidas em termos de palavras versus afixos obrigatoriamente presos – isto está bem. O problema é o fato de que certos elementos podem deixar de ter ou manter status independente historicamente. Elementos que ocorrem em segunda posição em compostos e prefixos que estão se tornando afixos, assim como morfemas únicos que estão em processo de perda de independência; “splinters” e afixos ascendendo ao status de palavras podem estar em processo de adquirir independência. (2005:107)

Na verdade, essa discussão de Booij (2005) e de Bauer (2005) vai ter como saída a proposta de Warren.

4.3

As formas combinatórias

Em seu trabalho *The importance of combining forms*, Warren questiona como avaliar formas que se comportam por vezes como afixos e outras como radicais.

A sugestão que surge dos formalistas, para ela, são as formas combinatórias (*combining forms*), que podem ser definidas ou como formas que ocorrem em composições e derivações, e que por vezes, coincidem com formas livres (*geografia* – *grafia*) ou então formas livres que podem ser usadas como uma forma combinatória (*bio*⁴ em *biologia/biology*, exemplo da autora).

Essas formas são de origem grega e latina e são de grande produtividade na criação de novos termos técnicos, função a que os compostos de base presa se prestam quando especificam denominações científicas (*hidrofobia*, *macroeconomia*, *microbiótica*, *neurologia*) e, tais quais outras formas linguísticas,

³ O caráter exocêntrico é o que tem como característica a significação da formação fazer referência a fatores externos à literalidade dos itens a que se unem, ou seja, apresenta um significado ligado ao conhecimento de mundo dos falantes, como por exemplo: mestre-sala (um mestre-sala não é mestre de sala ou algo semelhante ; pé-de-moleque não é um pé de uma criança, mas um doce).

⁴ *Biótica*, *bioma* são exemplos que mostram que *bio* pode ocorrer em posição de radical com autonomia

elas estão sujeitas a mudar ou estender seu significado.

Tais formas surgem principalmente de modificações fonéticas (*alpino- de alpinus*), abreviação e extrações ((*ó*)*latra em chocólatra*)

Contudo, há algumas restrições sobre essas formas, pois são morfemas plenos que devem ser combinados com outros morfemas plenos (por isso recebem tal nome). Isto deixa uma marca na sua limitação, pois são *semanticamente incompletos* (Warren) , o que os faz diferentes dos radicais.

Ainda sobre as formas supracitadas, elas diferem dos afixos porque podem ser combinadas com não-raízes para formar palavras. A autora usa como exemplo *biologia* em que há a junção de uma Forma Combinatória Inicial (*bio*) e uma Forma Combinatória Final (*logia*)⁵. Não se pode fazer isso com prefixos e sufixos juntos para formar palavras *hipereza; e estas formas são semantizadas enquanto os afixos, ao contrário, são gramaticalizados.

As Formas Combinatórias são limitadas, pois, apesar de serem lexicalmente plenas, devem estar ligadas a outro morfema lexical para a formação de uma palavra, ou seja, não são formas livres e na visão diacrônica podem ser, segundo a pesquisadora, variações fonéticas de cada forma livre ou retiradas de formas livres.

4.4

Preposições e prefixos: elementos homomórficos e suas características

Amiot em seu artigo “*Between compounding and derivation: Elements of word-formation corresponding to prepositions*” analisa as diferenças existentes no francês entre itens que podem ser tanto vistos como preposições como também elementos formativos (ou seja, elementos que participam diretamente da formação

5 A noção de FCI (Formas Combinatórias Iniciais) e FCF (Formas Combinatórias Finais) vem de Bauer (1983). Esses itens são diferentes dos afixos porque enquanto as FCIs podem combinar-se com FCFs, os prefixos não podem (em hipertrofia tem-se um CF porque há uma FCF como segundo elemento, já em hiper-ativo há um prefixo, pois o segundo elemento é uma forma livre).

Os FCF são diferentes dos sufixos porque esses não podem se unir a FCI enquanto que aqueles podem.

de uma palavra, no caso um prefixo). Em exemplos usados pela autora tem-se “*Il a voté **contré** le projet de loi*” como preposição e ***contre**-revolution* como elemento formativo.

Acreditando que existe um contínuo a ser avaliado em relação a esses elementos serem considerados prefixos reais e outros como preposições, a autora fornece critérios por ela observados nos vocábulos franceses para a distinção de um elemento que é formador de derivação (prefixos reais) e os que são elementos composicionais, a saber:

a) *a mudança de gênero*: os prefixos não sofrem alternância de gênero em relação a base a que se unem: *a tensão – a hipertensão, o mercado – o hipermercado*; contudo, na composição isso pode não ocorrer com elementos inanimados: *grille-pain*= torradeira (feminino), provém de *pain* que é masculino.

b) *possibilidade de se combinar com diferentes categorias de lexemas*: uma preposição introduz um NP ou um nome, mas se um elemento de formação pode se combinar com outras categorias de nomes para construir lexemas de outras categorias, estaria mais perto de ser um prefixo, devido à sua autonomia em relação à origem preposicional. Nesse caso, a autora não fornece exemplos.⁶ Mas em português, *contra* pode se combinar com adjetivo (*contraproducente*), verbo (*contrapor*) e substantivo (*contra-regra*).

c) *a noção de cabeça, ou núcleo, através da endo- ou exocentricidade de uma palavra complexa/plena*: se um elemento expressa o mesmo significado que um prefixo real no mesmo contexto, com a mesma distribuição, é provavelmente um prefixo. Como exemplo a autora oferece *sur-* e *hyper-* que têm o mesmo significado “excesso” em *surcharge* – sobrecarga (excesso de carga) e *hypertension* – hipertensão (excesso de tensão). Sendo assim, *sur-* corresponde um prefixo.

Já se um elemento de formação expressa ao menos um significado diferente do significado correspondente da sua forma como preposição, parece mais seguro colocá-lo como um elemento autônomo em relação à sua origem preposicional e considerá-lo (perto de ser) um prefixo. Como exemplo a autora

⁶ “If an element of word formation can combine with other categories than nouns to build up lexemes of different categories, it has gained some autonomy with respect to the preposition it originates from; and it is closer to a prefix than to a preposition,”

coloca *sur-* (sobre) como um elemento que pode expressar excesso, mas sua forma homomórfica preposicional não pode ter tal significado.

d) o significado é manifestado por um elemento de formação de palavras que é respectivo a (a) um prefixo que não corresponde a uma preposição (como exemplo da autora *sous-/hypo-*, *sur/hyper-*) ou (b) como sua preposição homomórfica (*sur-/sur*, *avant-/avant*): esse critério relaciona-se ao critério c. Para Amiot, a endocentricidade e a exocentricidade permitem distinguir as palavras derivadas (que seriam as endocêntricas) das compostas (que seriam as exocêntricas). Essa distinção permitiria tais estudiosos distinguirem *sottocommissione* – subcomitê, que é derivado por prefixação, de *sottotetto* – sótão ser uma composição, composta por uma preposição *sotto*(sob) e o nome *teto*, já que *sottotetto* é exocêntrico, pois *sottotetto* não é um teto. Dessa forma, através dos critérios que ela formula, tem-se a seguinte tabela:

Amiot, D. *Between compounding and derivation*. 2005:187

	Après-	Avant-	Contre-	en-	Entre-	Sans-	Sous-	Sur-
N → N	Après-midi	Avant-guerre	Contre-exemple	–	Entre-cotê	Sans-abri	Sous-prefet	Sur-charge
N → Aden*	–	–	Contre-factuel	–	–	–	Sous-marin	Sur-rénal
N → V	–	–	–	enterrer	–	–	–	–
A → A	–	–	–	–	–	–	Sous-doué	surfin
A → V	–	–	–	enrichir	–	–	–	–
V → V	–	–	Contr-attaquer	–	Entre-voir	–	Sous-payer	Sur-évaluer
Endo.	–	+/-	+	+	+/-	-	+	+
Mean.	=	=	≠	≠	≠	=	≠	≠

*Aden = denominal adjective

A partir desses elementos formativos, ela distingue dois grupos: os que são prefixos reais e os que ela chama de outros.

Sur-, *sous-*, *en-*, *entre-* e *contre-* são prefixos reais porque os vocábulos formados por eles mantêm o gênero com o lexema-base: *contra-exemplo* (*contre-exemple*) e *sub-prefeito* (*sous-prefect*) são masculinos assim como as suas bases; *contra-revolução* (*contrerevolution*) e *sobrecarga* (*surcharge*) são femininos como *revolução* e *carga*. Eles podem se combinar com outras categorias (NVAdj) para formar palavras de outras categorias (NVAdj), ou seja, não só formam nomes de nomes, como seria com uma preposição. Os nomes são endocêntricos (*contra-revolução* é uma revolução) e todos têm ao menos um significado diferente de sua preposição correspondente.

Sans-, *avant-* e *après-* são formativos mas não prefixos reais porque: *sans-* está perto de ser uma preposição porque o gênero pode variar em relação aos nomes com a característica [+animado_], dependendo do sexo do referente, enquanto que os com a característica [-animado_] são sempre masculinos; *sans-* só forma nomes de nomes; forma nomes exocêntricos (*sans-abri* -, sem-abrigo, desabrigado); nesse caso, ela explica que a exocentricidade está no fato de a palavra ter um significado predicativo (*sans-coeur*- insensível/desumano/sem coração); as palavras formadas por esse elemento apresentam o mesmo significado das preposições homomórficas.

Avant-e après- são difíceis de avaliar, já que mostram características dos dois grupos: não formam outros gêneros, só nomes de nomes, formam palavras que não podem ser limitadas somente a endo- ou exocentricidade.

4.5

Variantes presas de formas livres

Em um artigo em que podemos traçar um paralelo com o de Amiot, Basilio (1989) trabalha a questão dos prefixos de modo diverso. Primeiramente, após discutir as visões de Cunha & Cintra, Said Ali e Câmara Jr, chega à conclusão de que os autores fazem uma divisão pouco precisa de prefixação, devido à existência de formas presas, e de prefixos como composição, já que também existem formas autônomas na língua.

Na verdade, ela mostra que a discussão permeia exatamente o conceito de Câmara Jr., pois para o estruturalista, o prefixo é uma variante presa das formas

dependentes chamadas preposições. Ou seja, a dúvida que contribui para a questão é se os prefixos “são elementos separados ou variantes presas das preposições correspondentes – ou mesmo elementos únicos” (Basílio, 1989:7), por exemplo, inter- e entre- são estruturas separadas ou variantes do mesmo prefixo?

Segundo Basílio, seria mais conveniente adotar o prefixo como elemento derivacional, pois mesmo existindo alguns prefixos que atuam analogamente como formas livres, nada impediria de considerar que são variantes presas de formas livres (e não mais dependentes como sugeriu Câmara Jr.).

O fato é que se adotássemos nessa questão prefixal o conceito de homonímia, encontraríamos uma saída viável, já que todo o problema, no caso específico da prefixação, se resume em ser esta uma formação que se pode obter, de acordo com o estudo de Basílio em relação às visões dos autores, três opções de classificação: uma derivação, uma composição ou, ainda, uma formação que permeia os dois lados, tanto composição quanto derivação.

Assim, somos levados a entender que se considerarmos prefixos e preposição com a mesma forma, só as formas presas seriam aceitas como formadoras de derivação e os outros prefixos, os que são variantes presas das formas livres, seriam parte de composições; mas, caso contrário, se não aceitarmos que prefixo e preposição são a mesma forma, mas formas distintas, o “*problema desaparece*” (idem:9), pois os prefixos seriam todos formas presas e a esse processo entra normalmente na derivação.

Com esses argumentos, a autora, como se pode deduzir, crê que derivação é o processo que se utiliza de prefixos e não a composição, que se limita a usar as formas que têm alguma autonomia, as que demonstram poder ocupar a posição de um radical, enquanto que aquela emprega formas presas ou dependentes e suas variantes.

4.5.1

As propostas de Basílio (1989) e Amiot (2005)

Comparando os estudos das autoras, podemos dizer que Amiot adota uma visão semelhante à de Basílio, pois que, através de sua testagem com os critérios já citados, argumenta que há formas prefixais que se classificam como elementos formativos, ou seja, que atuariam nas formações como preposições e outras que

seriam prefixos reais.

Dessa forma, Amiot sugere que as formas seriam diferentes, apesar de serem iguais na escrita; seriam vocábulos homônimos, uma vez que o sentido na estrutura da formação muda. Com os morfemas sub-, *sub-prefeito*, por exemplo, e contra em *contra-revolução*. Por manterem o gênero de suas bases-lexicais, por se combinarem com diferentes categorias (Amiot mostra contra-factual – adjetivo denominal que derivou de um nome), serem endocêntricas (contra-revolução é uma revolução) e apresentarem ao menos um significado diferente da preposição correspondente (em sur-, o significado mais expresso é excesso (surexposition), a preposição, todavia, nunca poderá expressar esse significado), teríamos prefixos reais, sendo essa última característica, para a autora, o motivo para crer que realmente os elementos são distintos.

Lembrando que, ao se tratar de elementos formativos, o comportamento é diferente: são itens que podem mudar o gênero ao se combinar com bases-lexicais (sans-faute é masculino em francês e faute é feminino), formam somente nomes de nomes, são vocábulos exocêntricos (sans-faute – faultless performance – impecável, sans-abri = homeless person – desabrigado) e possui o mesmo significado da preposição homomórfica (sans-n = privations = privação), sendo essa última a característica fundamental.

Buscou-se nesse capítulo, traçar um caminho, através dos autores apresentados que percorrem a seguinte noção: é viável que a derivação e a composição tenham o mesmo nível de acessibilidade na estrutura interna de formação, por isso ocorre que alguns itens se movem da derivação para a composição e o contrário parece também acontecer.

Algumas das formas que se encontram nesse laço entre derivação e composição são as formas combinatórias, que acabam por constituir características próprias, sendo, dessa forma, melhor enquadrá-las em um “campo neutro”, ou seja, elas nem são afixos (nem são derivacionais), nem são raízes (nem são composicionais).

Há ainda na língua formas homógrafas, que são as que possuem a mesma escrita, mas com características dessemelhantes. É o que vemos com os prefixos e preposições, em que os afixos são, na verdade, variantes presas de formas livres.